

ESTRUTURA PRODUTIVA DO CAMPO E A EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS-MS

Jodenir Calixto Teixeira – DCH/CPTL/UFMS
jodenir@ceul.ufms.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho originou-se a partir dos resultados da pesquisa intitulada “As alterações na Agropecuária de Três Lagoas no Contexto de Mato Grosso do Sul”, que desenvolvemos junto ao programa de pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, para obtenção do título de mestre em Geografia, defendida em 2001, feitas as devidas atualizações dos dados dos anos seguintes, enfocando a evolução na produção de bovinos no referido município.

O objetivo principal é analisar a estrutura da produção agropecuária do município de Três Lagoas-MS, no período que se estende de 1960 a 2005, identificando suas principais produções e discutindo a evolução da pecuária bovina no referido município.

Além das leituras realizadas sobre a questão proposta, utilizou-se como metodologia principal as visitas nas propriedades com aplicações de questionários e entrevistas, além de análise de dados coletados junto ao IBGE, INCRA e IAGRO.

O processo de modernização da produção agrária no campo brasileiro tem origem, na década de 1950, com as importações de meios de produção mais avançados. No entanto, é só na década de 1960 que esse processo vai se dar concretamente – o que justifica o corte temporal dessa pesquisa - com a implantação no país de um setor industrial voltado para a produção de equipamentos e insumos para a agricultura.

A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E A EVOLUÇÃO DA PECUÁRIA BOVINA NO BRASIL

A década de 1960 marcou o início de um novo modelo econômico brasileiro, substituindo o chamado modelo de substituição de importações pela modernização do setor agrário e formação do Complexo Agroindustrial (SORJ, 1986).

Pretendia-se passar de uma agricultura tradicional, totalmente dependente da natureza e praticada por meio de técnicas rudimentares, para uma agricultura mecanizada.

Conforme evidencia Goodman (1978), esse processo se expandiu no país, a partir desse período, atingindo o Estado de Mato Grosso do Sul, que mantinha a atividade agrícola tipicamente de subsistência e a prática da pecuária extensiva. Assim, o Estado expandiu suas áreas de lavouras e pastagens plantadas, integrando-se a economia nacional. Essas mudanças resultaram da implementação de planos de desenvolvimento para a região Centro-Oeste, dentre os quais se destacou o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento das Áreas de Cerrado), abrangendo, inclusive, o município de Três Lagoas.

O novo modelo apoiava-se na oligarquia rural preocupada com as tensões no campo geradas pelos movimentos sociais e nos setores mais modernos do capital urbano interessados na ampliação do seu raio de atuação (MARTINE, 1990).

Apesar das modificações promovidas na economia brasileira, o crescimento não se deu de maneira uniforme e com a rapidez esperada. Segundo Gonçalves Neto (1997), a lentidão se acentuou entre os anos de 1965 e 1967, devido à reorganização sob o regime militar que se instalara no país.

Analisando os índices indicadores de modernização, verifica-se uma transformação significativa no âmbito da agricultura nacional e grande avanço no setor da pecuária bovina, porém limitando-se a algumas propriedades e dando prioridade principalmente para os produtos de exportação. Grande parte do campo brasileiro permaneceu com uma produção extremamente rudimentar, o que tornou essa “modernização” bastante excludente.

Apesar disso, houve um crescimento notável no setor agrícola, permanecendo com taxas positivas durante todo o período estudado, com um considerável aumento no uso de máquinas agrícolas, agrotóxicos e fertilizantes, tornando o país um grande produtor e exportador de grãos.

Em relação à pecuária, de modo geral, apesar do crescimento considerável no decorrer da história do país, houve uma aceleração nesse crescimento a partir da década de 1960. Observa-se que a partir dessa década, foram introduzidas novas raças como resultado da política do Governo para esse setor, além de melhorias na criação. O Programa Nacional da Pecuária contribuiu para a expansão das áreas de pecuária no Norte e Centro-Oeste, visando regularizar o abastecimento de carne no país e dispor de excedentes para exportação.

A região Centro-Oeste foi a que mais apresentou crescimento no setor da pecuária no período de maior investimento na agropecuária (a partir da década de 1960), pelo fato de possuir vantagens naturais para o desenvolvimento dessa atividade, tais como vastas áreas de campos e cerrados, além de sua localização no centro do país, o que facilita a ligação com as outras regiões, principalmente com a região Sudeste onde se encontram os maiores mercados nacionais.

No entanto, a pecuária brasileira permaneceu com caráter extensivo, com os animais se alimentando diretamente das pastagens e o aumento do efetivo se dando pelo fato de aumentarem as áreas de criação. A pecuária bovina se tornou um “fenômeno” de âmbito nacional, aparecendo em todos os Estados da Federação, apesar de irregularmente distribuída.

Só no período de 1960 a 1980, segundo o IBGE, houve um aumento nas áreas destinadas à criação de bovino de 53,2 milhões de hectares, passando de 122,3 milhões de hectares para 175,5 milhões de hectares em âmbito nacional.

Nesse contexto, a região Centro-Oeste, a partir da década de 1960, apresentou um crescimento na produção acima da média nacional, tendo grande participação o Estado de Mato Grosso do Sul, destacando alguns municípios, dentre eles Três Lagoas. Esse fato é explicado pela vinda de criadores de outras regiões para o Centro-Oeste, incentivados pelas políticas do Governo, que visavam principalmente a agricultura, mas que favoreceu grandemente a pecuária. Porém, o avanço se deu unicamente com a expansão das áreas de pastagens e a criação se manteve irregularmente distribuída pela região, além de fortemente concentrada nas grandes propriedades.

Apesar de sempre ter predominado o sistema extensivo na criação de bovino do Centro-Oeste, nos últimos anos nota-se melhorias no sistema criatório. Mas, o que realmente contribuiu para a expansão dessa atividade foi a introdução das pastagens plantadas, com destaque para a brachiária.

A região Centro-Oeste continua liderando na produção de bovinos, com 69,9 milhões de cabeças, apresentando um crescimento de 6,59%, sendo que a média nacional é de 5,51%, segundo o IBGE.

As transformações ocorridas nos últimos anos no mercado mundial de carne exigem cada vez mais melhorias na qualidade desse produto. Sendo assim, as inovações tecnológicas e cuidados com o rebanho são fundamentais para a adequação às exigências do mercado. Nos últimos anos o avanço no cuidado técnico com o rebanho vem apresentando resultados nos seguintes segmentos: melhoramento genético dos animais; nutrição e sanidade animal; melhoramento genético de pastagens. Salientamos porém, que essas melhorias atingiram apenas uma pequena parte dos produtores brasileiros.

Conforme Euclides (1998, p.100):

No mercado internacional a pecuária de corte brasileira apresenta a vantagem competitiva do baixo custo de produção. Isso resulta do fato de ela ser baseada em pastagens, que vêm ainda sendo manejadas como mananciais inesgotáveis de nutrientes passíveis de serem transformados em baixos custos em proteína animal. No entanto, o aumento da competitividade não só por preço, mas também por qualidade, impõe mudanças no setor.

Nos anos de 1990, essas inovações tecnológicas na bovinocultura se fizeram sentir com mais intensidade. Porém, desde meados dos anos de 1960, o processo de evolução vem ocorrendo, com o desenvolvimento da indústria de carnes e modernização dos frigoríficos.

Passou-se a exigir controle rigoroso sobre as condições sanitárias, visando principalmente a exportação do produto. A exigência de uma articulação maior entre pecuarista, frigorífico e mercado, é cada vez maior. O efetivo do rebanho bovino tem apresentado um aumento considerável nos últimos anos no país, sendo ultrapassado, segundo o IBGE, apenas pelo setor de galináceos, conforme demonstra a tabela 1.

Tabela 1: Efetivo do rebanho brasileiro em 2003

Rebanhos	Número de Cabeças
Galos, galinhas, frangos, frangas e pintos	931.322.832
Bovinos	195.551.576
Suínos	32.304.905
Ovinos	14.556.484
Caprinos	9.581.653
Codornas	5.980.474
Eqüinos	5.828.376
Muar	1.345.389
Asininos	1.208.660
Bubalinos	1.148.808
Coelhos	335.555

Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal – 2003

Em relação aos avanços genéticos, intensificou-se a técnica de fertilização “in vitro” de embriões, pré-determinando o sexo do animal. Uma grande vantagem sobre a inseminação artificial é que qualquer vaca passa a ter condições de geradora, além do pecuarista poder escolher a raça e sexo do animal. De acordo com Camargo Neto (1998) algumas tecnologias só passam a ter sentido quando se usa em escala comercial com a formação de alianças. Essa aliança entre produção, industrialização e comercialização de carne bovina é explicada pela necessidade de rastrear o produto desde a gôndola ao pasto, garantindo ao consumidor a qualidade do produto. Apesar de parte dos consumidores ainda

não serem cuidadosos na escolha da carne que consomem, uma parcela considerável vem demonstrando maiores preocupações com esse produto, além dos órgãos de fiscalização sanitária estarem cada vez mais exigentes.

A modernização do setor, porém, exige ação do Governo. O aumento da produção pelo confinamento, por exemplo, sofre no Brasil a competitividade das pastagens na época da safra, que apresenta melhores preços no mercado. O confinamento, portanto, só se justifica na entressafra.

É necessário aproveitar as vantagens das vastas pastagens e associá-la com a busca de qualidade para o rebanho, admitindo técnicas viáveis de criação e cuidados necessários para que tenhamos condições de concorrer no mercado internacional, tanto em relação ao preço como em qualidade. Porém, técnicas modernas como a inseminação artificial e transferências de embriões são recentes no Brasil e não atingem todo o rebanho.

O aumento da eficiência da pecuária de corte no Brasil, passa necessariamente pela melhoria da qualidade genética dos rebanhos, o que pode ser obtida, pela escolha dos indivíduos que serão os pais da geração seguinte, direcionando, assim, os acasalamentos.

A PRODUÇÃO AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS-MS

O município de Três Lagoas localiza-se no Extremo Leste do Estado do Mato Grosso do Sul, em uma área de 10.235,8 Km², apresentando uma população de 78.943 habitantes, sendo que 93,18% se encontram na zona urbana e 6,82% na zona rural, segundo os dados do censo demográfico do IBGE do ano 2000 (figura 1)

Figura 1: Localização do Município de Três Lagoas no Estado de Mato Grosso do Sul



O processo de ocupação do município foi através da região de Santana do Paranaíba, quando

desencadeado no início do século XIX, várias pessoas demarcaram suas

propriedades e se instalaram nessa região. No entanto, a ocupação vai se acelerar apenas no início do século XX com a passagem da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), atual Novoeste.

Desde sua ocupação o município vinculou-se a atividade pecuária, sobressaindo a bovinocultura com a criação extensiva ocupando as áreas de cerrado. A pecuária extensiva em pastagens naturais era uma maneira de assegurar a posse da terra, visto que os pioneiros da região tinham essas terras apenas como uma reserva de valor.

Mesmo com as alterações na base técnica e econômica da agricultura em âmbito nacional e estadual, viabilizada pela chamada “modernização da agricultura”, o município de Três Lagoas manteve-se sob o domínio econômico da pecuária extensiva, atividade em que se especializou ao longo de sua história com a criação de bovinos.

Os recursos advindos do POLOCENTRO deveriam ser direcionados principalmente para a expansão das lavouras, porém isso não ocorreu no município e o cerrado foi substituído progressivamente pelas pastagens plantadas. Os proprietários alegam que esse fato é decorrente da baixa fertilidade do solo do município o que seria necessário altos investimentos para recuperá-los, tornando-os propícios para a prática da agricultura.

De acordo com os dados dos IBGE, em 1960 as áreas de pastagens naturais em Três Lagoas representavam 84,4% e as pastagens plantadas somavam apenas 4%. Em 1996 as áreas de pastagens naturais caíram para 5,5%, enquanto que as áreas de pastagens plantadas subiram para 67,4%. Hoje, as áreas de pastagens plantadas ultrapassam 80%.

As áreas de lavouras sempre foram insignificantes, não ultrapassando 2% durante o período estudado. Na atualidade essas áreas representam menos de 0,5% sendo formadas pelas lavouras de subsistências existentes em poucas pequenas propriedades.

O avanço das áreas de pastagens plantadas no município de Três Lagoas foi acompanhado de um rápido incremento do efetivo bovino, atingindo na atualidade quase um milhão de cabeças, sendo o quarto município do país de maior produção, ficando atrás apenas dos municípios de Corumbá, Ribas do Rio Pardo e São Félix do Xingu, conforme demonstra a tabela 2.

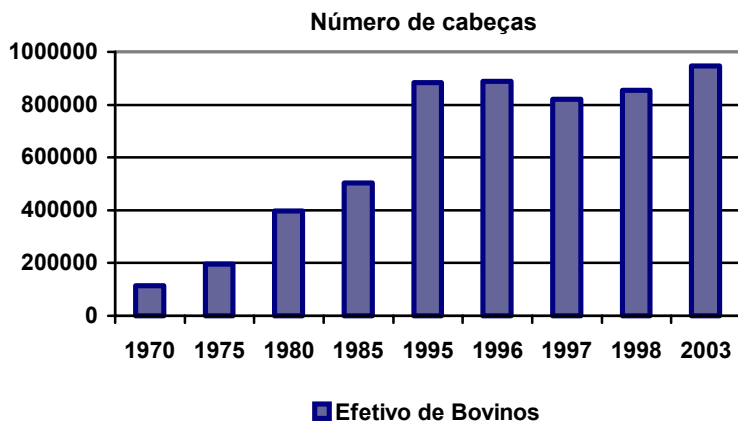
Tabela 2: Principais Rebanhos de Bovinos do Brasil por município

Municípios	Unidade da Federação	Número de cabeças
Corumbá	Mato Grosso do Sul	1.841.186
Ribas do Rio Pardo	Mato Grosso do Sul	1.316.250
São Félix do Xingu	Pará	1.264.991
Três Lagoas	Mato Grosso do Sul	946.819
Cáceres	Mato Grosso	892.348
Juara	Mato Grosso	874.413
Água Clara	Mato Grosso do Sul	857.245
Camapuã	Mato Grosso do Sul	828.780
Vila Bela da Santíssima Trindade	Mato Grosso	807.827
Aquidauana	Mato Grosso do Sul	748.097

Fonte: IBGE – Pesquisa Municipal de 2003

O gráfico a seguir demonstra o avanço do efetivo bovino nos últimos anos, demonstrando o crescimento desse setor no município.

Figura 2: Evolução do rebanho bovino no município de Três Lagoas - MS



Fonte: IBGE - Censo Agropecuário de Mato Grosso de 1970; Censos agropecuários de Mato Grosso do Sul de 1975, 1980, 1985, 1995/96 e Pesquisa da Pecuária Municipal de 1996, 1997, 1998 e 2003

Ao longo dos anos o avanço da pecuária bovina no município não ocorreu acompanhado de técnicas modernas, sendo uma produção extensiva. Porém, na atualidade observa-se uma preocupação de boa parte dos produtores em melhorar o sistema de produção e a qualidade do rebanho, obedecendo as exigências do mercado. Considerando que o município sempre teve sua economia vinculada à pecuária bovina, podemos dizer que a modernização desse setor está chegando com atraso, além de se limitar ainda a algumas propriedades.

Com o predomínio no município da grande propriedade com a prática da pecuária extensiva em pastagens de brachiária, a situação não se reverterá em curto prazo, visto que a terra ainda representa poder. O pequeno produtor, interessado na lavoura, não consegue sequer produzir para a subsistência, devido à falta de recursos, o que torna preocupante, pois está ocorrendo um êxodo rural cada vez mais acentuado. Outra preocupação é em relação ao sistema extensivo de produção da pecuária bovina em brachiária, visto que essa leguminosa apresenta grandes deficiências nutritivas, principalmente no período da seca, além de provocar a degradação do solo, o que pode acarretar novos problemas no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado de Mato Grosso do Sul, em poucos anos apresentou um crescimento surpreendente no setor agropecuário, não só se tornando o primeiro produtor de bovinos do país, mas apresentando um crescimento agrícola superior à média nacional.

A pecuária bovina, apesar do crescimento da lavoura, ela se constitui na principal atividade econômica do Estado, que possuindo os municípios de maior produção nacional. Apesar de apresentar melhorias no sistema de criação a partir da década de 1970, ainda predomina o sistema extensivo

O município de Três Lagoas se firmou, ao longo de sua história, na bovinocultura, tendo em vista que os grandes proprietários preferiram essa atividade, alegando que o solo do município não é propício

para as lavouras. Os investimentos governamentais que eram destinados principalmente para a produção de grãos foram revertidos para a pecuária bovina, com ampliação das pastagens plantadas. Diante disso, a produção agrícola foi se tornando cada vez mais irrisória, mantendo apenas uma pequena produção para subsistência.

No entanto, as modificações ocorridas no setor da bovinocultura se limitaram à expansão das pastagens plantadas, através do uso da brachiária, sem grandes alterações nos moldes produtivos e cuidados técnicos com o rebanho. Passou-se de uma pecuária rudimentar para uma pecuária melhorada e, só recentemente, parte dos produtores está procurando se enquadrar nas exigências do mercado, dando melhor assistência para o rebanho, procurando melhorar a qualidade do produto.

Comparando as propriedades agrárias do município quanto aos aspectos produtivos, concluímos que enquanto a grande e a média propriedade se voltam cada vez mais para a pecuária de corte, a pequena tenta sobreviver com uma pequena produção de leite e pequenas áreas de lavouras. Muitos desses pequenos proprietários não estão conseguindo manter os gastos com a propriedade e quitar as dívidas com os bancos, decorrentes de empréstimos anteriores.

Sendo a terra altamente concentrada nas mãos de uma minoria que se volta cada vez mais para a pecuária bovina, sem demonstrarem o menor interesse pela produção de lavouras, parece-nos que não há perspectivas de mudanças em curto prazo. O município deve, cada vez mais, se firmar na bovinocultura voltada para o corte.

É necessário, porém, para garantir a competitividade com outras regiões, melhorar a qualidade do rebanho, investindo em novas técnicas de criação como já estão fazendo algumas propriedades do município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censos Agropecuários do Estado do Mato Grosso do Sul de 1975, 1980, 1985 de 1995/1996**, Rio de Janeiro: IBGE.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa da Pecuária Municipal de 1996, 1997, 1998 e 2003**. Rio de Janeiro: IBGE.

CAMARGO NETO, P. de. **Aliança Vertical na Cadeia de Carne Bovina**. São Paulo: FUNDEPEC, 1998.

EUCLIDES, Valéria Pacheco B. Desempenho Animal em Pastagens. In: **Cursos de Pastagens para Técnicos da Empaer**. Campo Grande: EMBRAPA, 1998, p 100-124.

GONÇALVES NETO, W. **Estado e Agricultura no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1997.

GOODMAN, David. Expansão de Fronteira de Colonização: Recente Política de Desenvolvimento no Centro - Oeste do Brasil. In: BAER, N, GEIGER, P. P; HADDAD, P. R (coords) **Dimensões do Desenvolvimento Brasileiro**. Rio de Janeiro: Campus, 1978, p.301-339.

MARTINE, George. A Trajetória da Modernização Agrícola: A quem beneficia. In; Fases e Faces da Modernização Agrícola. **Revista de Planejamento e Políticas Públicas**. nº 03, Brasília: IPEA, 1990.

SORJ, B. **Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.